

Anno \$8.
Semestre 5.
Trimestre 3.
Folha avulsa 25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

PARA OS SUBSCRITTORES,
Não excedendo de 20 linhas, .. \$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITTORES,
Não excedendo de 10 linhas, .. \$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

EXPEDIENTE.

Tendo esta administração unicamente em vista facilitar ao publico a aquisição do seu jornal, declara que todas as pessoas que assignarem por um anno poderão, querendo, dividir a sua assignatura em quatro prestações, pagando, no fim de cada trimestre, a importancia vencida de \$2.

MACAU 28 DE OUTUBRO

Os RECURSOS, que o estabelecimento de Macau encerra em si, podem, bem aproveitados, conduzir ainda esta terra a um estado muito florescente.

Mas perguntar-nos-hão de que modo devem ser aproveitados. Pois bem, supunhamos que é um problema, que temos obrigação de resolver, e entremos neste trabalho, mas entremos todos e do coração. Venha o concurso de todas as pessoas entendidas. Discutamos todos a materia, e discutamol-a francamente, porque ella a todos nos interessa.

É uma difficil tarefa esta, mas, bem ou mal succedida, será sempre gloriosa.

Os arabes *beduinos* do deserto, os povos incultos ou muito atrasados em civilização, é que acreditam no fatalismo, em desprezo da intelligencia e do esforço, aliás poderosos instrumentos para que uma geração possa alcançar um melhor futuro; e creem *no estava escripto*, como sentença irrevogavel, á qual se submettem como seres impensantes.

O povo, que desce a uma tal degradação de sentimentos, é um povo indigno deste nome, é um povo condemnado a uma morte moral, porque não sabe buscar o caminho que o conduziria a uma legitima independencia e liberdade.

É realmente triste a vida, quando o homem não tem a consciencia da sua força e dos seus deveres.

Mas esses males não os vemos felizmente entre nós; não, porque temos aspirações, e aspirações justas e nobres, e em abono disso cuidemos do nosso melhoramento, dediquemos-nos todos a esta empresa sancta, e comecemos o nosso trabalho.

Vejamos o que póde constituir a prosperidade de Macau, começando por investigar se nos falta alguma condição indispensavel para gosarmos plena liberdade, e procuremos assiduos reconhecer a quem compete a responsabilidade das faltas, que acaso tivermos a lamentar.

¿ A vida e a propriedade dos cidadãos estão effectivamente garantidas pelas leis, fruindo por conseguinte cada um as vantagens, consignadas em nossas instituições liberaes, isto é, dentro da esphera dos direitos constitucionaes? Acreditamos que sim: logo a responsabilidade de quanto neste sentido se não fizer em Macau deve pertencer aos cidadãos.

¿ Existem péas ao commercio, que a auctoridade possa, e não queira remover?

Creemos que não, e podemos avançar mesmo que o commercio aqui é liberrimo. Capiteas, e homens intelligentes para os manejar, não nos faltam, não só entre os portuguezes, mas entre os chinas tambem.

Os tributos não oneram muito a propriedade, e nada absolutamente o commercio, pois o maior rendimento da fazenda publica provém dos tributos indirectos, que recahem geralmente sobre a população chineza, que é nove decimos superior á christã.

Portos para commerciar não nos faltam, tendo nós a vantagem de que os de Oeste da China, não estando ainda abertos ao commercio com as nações da Europa, podem por isso offerecer uma muito favoravel importação para esta colonia, além do movimento dos navios costeiros chinas que, sempre levarão algumas mercadorias de Macau, que mais possam convir áquelles portos, como o opio e as fazendas de algodão; isto não só pela proximidade em que estamos, mas pelas antigas relações commerciaes que sempre têm existido, e que podem e devem augmentar consideravelmente.

¿ O que nos falta, pois, para attingirmos neste estabelecimento uma grande prosperidade commercial, unica que em tão limitado terreno, e excepcional posição geographica se póde obter?

Aquillo de que principalmente carecemos é de instituições de credito, que facilitem as transacções e alarguem a nossa escala commercial, por meio de empresas importantes, que façam de Macau uma verdadeira praça, onde grandes interesses se possam negociar. Esta tarefa pertence aos particulares, cumprindo, porém, ao governo auxiliá-os por todos os meios á sua disposição, mandando mesmo fazer as obras necessarias para esse fim, como a de aprofundar e limpar o canal da Praia Grande, e de obviar o mais possivel aos obstaculos do rio, para facilitar a entrada á navegação no nosso porto interior.

Ainda cumpre ao governo proceder a outras obras importantes, animando ao mesmo tempo o espirito de empresas, venha elle d'onde vier; pois se antigas ideias falsas nos arrastaram para um campo errado,—o que, como já dissemos por outra vez em o nosso jornal, proveio da ignorancia dos principios economicos, e sobre tudo do egoismo fatal daquelles tempos de exclusivismo, em que os portuguezes não consideravam os estrangeiros com o direito de egualdade, não só em relação á pauta da alfandega, mas até para não poderem adquirir propriedade,—esses abusos já felizmente acabaram, e assim podemos ainda esperar que os capiteas estrangeiros venham a ser empregados em algumas empresas importantes. E bem vindos sejam, que os acceptaremos do melhor grado, quer os

estrangeiros sejam da Europa ou da China, quer sejam da America ou da Africa, porque os interesses são para todos, e o pensamento do progresso pertence de direito á humanidade.

São grandes as esperanças que nos animam com respeito a Macau; porque com menor principio e menos base se hão elevado á opulencia outros estabelecimentos.

Concordemos todos em insistir em um proposito firme de realizar este pensamento, e o futuro nos será consideravelmente mais prospero que o presente.

O HOMEM, destinado a cultivar a sua propria natureza, precisa de ter algum objecto de applicação. Os misteres da sociedade devem occupar de uma maneira proveitosa a sua razão e as suas affeições.

A sociedade, cuja base primordial é o aggregado de familias, carece de todos os seus individuos.

Assim como o corpo humano é formado de diversos membros, e, funcionando cada um delles de differente modo, concorrem todos para a conservação de tão maravilhoso composto; assim a sociedade é formada tambem de individuos distinctos, que por modos igualmente diversos contribuem para a manutenção deste grande corpo.

É tambem certo que o homem está ligado aos outros homem por uma inclinação natural, nem mesmo podia cultivar o espirito sem estas relações.

Estudemos um pouco o homem social. Chamado pela preeminencia de suas facultades a dominar todos os seres terrestres, o homem não deve, nem póde violar as leis fundamentaes de seu imperio. A moralidade deve presidir a todos os seus actos, por isso que ella consiste na conformidade dos juizos e obras do homem com a ordem estabelecida, ou, o que o mesmo é, com o estado das regras que fazem coordenar suas acções.

O direito natural, que não é outra coisa que o systema das leis da natureza, rege todos os seres, e não regula menos a conducta do homem a respeito de um atomo, que a respeito do mesmo homem e de todos os outros seres da criação. É apenas concedido ao homem satisfazer as necessidades da vida á custa dos seres que o rodeiam, sacrificando mesmo um ou outro animal para a sua alimentação, mas nunca tyrannizando-o.

Quanto ao direito que o homem tem á propria existencia, é esse de tal arte inconcusso á luz da razão, que, posto que ainda entre muitos povos seja desgraçadamente amissivel, não vemos que a sociedade lh'o possa tirar. Esta questão de tão grande transcendencia, com quanto não seja nosso proposito entrar nella agora, promettemos contudo tratá-la oportunamente.

O homem social, uma vez em seu caminho, faz a cada passo uma tentativa

para o seu aperfeiçoamento, e quanto mais labora neste justo tirocinio, melhor vae concebendo que é preciso dar uma razão a si mesmo de todas as suas acções.

A sensibilidade é uma das mais poderosas prerogativas do ser social, pois, naturalmente propensa a condoer-se do mal alheio, é ella que presta á sociedade os mais promptos serviços, e ninguém ha sobre a terra que não tribute homenagem ao grande corpo social.

Considerado, pois, este grande corpo uma fonte de felicidade, aberta ao homem para receber ali o conhecimento da altura de sua missão sobre a terra, é claro que todo o homem deve concorrer para o bem da sociedade em geral, porque o desprezo deste axiomático principio importaria a sua propria decadencia e corrupção.

Para chegar a tão nobre fim, não é necessario nivelar as intelligencias, nem os conhecimentos. Se ha misteres que conduzem a reflexões geraes, e carecem do voo do pensamento, ha outros que se restringem a uma pequena instrução.

O homem de estado precisa de um vasto espirito e profundo conhecimento dos negocios, ao passo que os seus instrumentos podem ignorar a penetração de seus poderes.

O general tem necessidade de saber a sciencia militar, em quanto que o soldado se limita somente a executar suas ordens. E dest'arte todos trabalham conforme suas capacidades em beneficio geral.

Ora, se por tantos titulos todos devem dar a sua pedra para o engrandecimento deste magnifico edificio, é evidente que o homem, illustrado no gremio da sociedade, tem obrigação de transmittir sua illustração a todos os seus consocios que carecerem della, assim como obrigação tem estes de se disporem por todos os meios ao seu alcance a recebela.

Mas não é só o individuo que tem deveres a cumprir para com a sociedade; esta tambem os tem para com o individuo, e são elles de muito maior alcance.

A sociedade não pôde deixar de ter em consideração os serviços de seus membros; não pôde mesmo deixar de os remunerar, sendo que esta remuneração deve nivelar-se com o serviço prestado, porque tal equilibrio é um dos mais solidos principios da harmonia que mantem a mesma sociedade.

Os funcionarios publicos, que consagram os dias da vida aos negocios de que são encarregados, têm todo o direito a um vencimento que lhes garanta a decencia que a sociedade lhes exige, porque obrigar os servidores do estado ao que os seus vencimentos não permitem, seria, alem de absurdo, inexequível intento.

É tambem um dos deveres da boa administração attender ás condições do paiz, onde servem os seus administrados. Fallemos das nossas colonias.

Nos estados da India ou em Cabo Verde, por exemplo, onde a vida é barata, não haverá uma necessidade momentosa de reformar já os vencimentos dos funcionarios. Mas se volvermos os olhos para Macau, onde a vida é carissima, havemos de ver forçosamente muitos servidores do estado em posição difficil e atribulada mesmo. Empregados civis ha, que devem soffrer até privações, e se estes, que não são obrigados a um viver social como os officiaes de primeira

linha, vivem uma vida de dissabores,—mais amarga deve ser a vida, principalmente dos subalternos militares, cujos vencimentos nem ao menos são sufficientes para fazer face ás despesas, feitas com aquella alimentação que precisa a existencia nestes climas.!

E dest'arte como ha de o official militar sustentar uma decencia compativel com a dignidade que Sua Magestade lhe conferiu! Até repugna dizel-o; só á custa dos mais tristes e dolorosos sacrificios é que o official pôde viver nestas paragens!

Ahi está bem proxima uma colonia ingleza, onde os officiaes percebem grandes gratificações, com que se sustentam em um estado mais ou menos imponente, circumstancia esta que torna muito mais facil o prestigio, que é indispensavel ganhar á face de um povo, que se vê forçado a humilhar-se diante de homens, que seguem os pulidos costumes da nossa sociedade europeia.

Não se pense, contudo, que nós acaso queremos a sumptuosidade dos inglezes. Não desejamos isso, nem mesmo pensamos em proprias ambições; o nosso desejo é justo, porque só queremos o necessario. Não nos agrada a administração em que haja o desperdicio, mas tambem nos não agrada aquella onde exista a reidicularia, porque qualquer destes vicios nos repugna. Queremos somente ver estabelecida a economia em tudo e para tudo, e já que temos a felicidade de nos acharmos debaixo das beneficas influencias desta virtude, juntamos a nossa voz á dos officiaes que, assistidos da mais sancta justiça, pediram o augmento de 50 por cento em seus vencimentos.

Não é muito o que se pede para viver em uma terra, onde a caristia de generos indispensaveis tem subido, ha annos, a um ponto quasi inacessivel. E de mais a mais não se pede somma que se torne sensivel aos fundos da Fazenda, é apenas um pequeno augmento de uma verba, que não alterando, por assim dizer, as forças do cofre, já deve robustecer e consolidar bastante as forças da colonia, porque o serviço será feito com mais vontade e amor, os brios necessariamente se hão de desenvolver, e o gosto de servir deve ser indubitavelmente certo.

Finalmente homens, votados a um serviço importante, feito nesta bella colonia portugueza, tão longe de Portugal e á face de um grande imperio, não podem deixar de ser attendidos por um governo, que tem dado exuberantes provas de bom em pedidos de somenos justiça, e não dictados, como este, pela mais imperiosa necessidade.

Em setembro do anno passado foi barbaramente assassinado a pouca distancia de Kanagawa, um subdito inglez, que inoffensivamente passeava, sendo o assassinato committido pelos sequeiros do principe de Satsuma. Este acontecimento, alem de outros anteriores, agravantes e traiçoeiros, praticados a subditos da mesma nação, com insultos e tentativas de ataque á legação ingleza, obrigou o governo da Gran Bretanha a exigir uma satisfação ao governo japonês, com o pagamento d'uma avultada indemnização. O Taicun pagou o dinheiro, porem a entrega do Satsuma, outra das exigencias por parte da Inglaterra, não foi cumprida, e em seguida os navios de guerra de todas as nações alliadas, começaram a ser insultados, pelos fortes de Shimonoseki, ao passarem pelos estreitos que formam as *ilhas do mar*. Os navios francezes, americanos, e holandezes, foram os hostilizados, e repellido, como deviam, tões insultos, algumas pequenas escaramuzas houveram que fizeram calar o fogo destes fortes e os reduziram a cinzas, bem como a cidade contigua de

Aida-go-mo-na, inutilizando-lhe alguns navios de guerra, que por aquellas paragens procuravam agredir os navios do commercio europeu.

A esquadra inglesa mais tarde dirigio-se aos territorios do Satsuma, e não sendo ali recebida, como deviam ser, as suas justas exigencias, bombardeou Kagosima, incendiando os navios de guerra japoneses que n'aquelle ancoradouro se achavam.

Estas severas lições não aproveitaram porem aos japoneses, agarrados ao seu feudalismo anarchoico; e se interromperam d'algun modo as hostilidades pelo mar, não acabaram de todo com as perseguições.

Os negociantes de chá e sedas foram ameaçados com a morte, continuando o trafico com os estrangeiros, e alguns mesmo, dos que lhe eram mais afeiçoados, foram assassinados. Os mercados pois ficaram sem generos, o que definhou o commercio. As autoridades do Taicun, affectas ao progresso tem sido demittidas e enclausuradas com asperosa, e o proprio Taicun, cercado de conspiradores, ameaçado com um golpe de estado, que lhe roubará vida e throno, apresenta-se coacto, no centro destes conflictos, sendo dominado pelo partido conservador, sendo esta a politica actual que domina todos os pontos deste grande imperio, e deste paiz de assassinos, onde tudo é misterio tenebroso.

Ultimamente dois factos justificam o que levamos dito; um pobre guarda mariinha, foi atacado em Nagasaki, por estes homens de duas espadas, e que se entregam ao crime, sem razão plausivel que os justifique, e o acutilaram de tal modo, que o deixaram em perigo de vida; e em Kanagawa, a pouco mais de tres milhas de distancia, n'um lugar chamado Kawasaki, quando pouco mais d'um anno se tem passado sobre o assassinato de Mr. Richardson, uma outra victima acaba de se fazer. Um pobre official francez, desarmado, e inoffensivo, passando a cavallo foi n'este sitio atacado por tres destes malvados, conhecido pelo nome de *Tomina*, e horriavelmente assassinado! É horroroso saber como tres homens, deixaram com suas duplas espadas o infeliz que não tinha consigo nem uma pistola para se defender!

Este novo insulto, não pode ficar assim; nada sabemos por enquanto, mas é natural que a França não o deixará impune. De dia para dia, de hora para hora se reconhece a necessidade de tratar a ferro e fogo este povo barbaro, que não attende a cousa alguma; e ainda que o baptismo de sangue, seja uma calamidade, o progresso não pode prescindir d'elle, mesmo porque não é possível já retrogradar. A civilisação se lhe oppõe.

Em conclusão, a luta e só a luta se pode esperar; mas a luta com as peças raídas, e a bayoneta do soldado francez, visto que a politica do governo do Japão, não tem nome, nem ha explicações que a façam comprehender; e com um misterio tão negro e sempre continuado não se podem conservar intactas as prerogativas que os tratados garantem, e a segurança é impossivel.

Em quanto aos boatos que ultimamente grassaram de terem os *Daimios* atacado Osaca, causando grandes perdas nas forças do Taicun, avançando sobre Yokohama, com 50 mil homens, tivemos posteriormente noticias de não se verificarem tões acontecimentos. A luta entre o Taicun, e os principes feudais que cercam o Mikado, necessariamente levará aquelle bello paiz á guerra civil, e declarada esta, se o Taicun andar avisado e receber o apoio que os europeos sinceramente lhe offerecem então não duvidaremos em acreditar na regeneração do Japão, e segurança das nações estrangeiras.

NOTICIAS DIVERSAS.

Expediente.—Lêmos no *Echo do povo*, que se publica em Hongkong, oito paginas dedicadas a este jornal.

Responderemos logo que a sobejidão d'espaco nos permitia não lesar os nossos assignantes com materia de pouco interesse.

Grande gala.—Faz hoje 47 annos Sua Magestade el-Rei o Senhor D. Fernando.

As elevadas qualidades que distinguem este principe e o seu tão profundo amor á patria que adoptou, amor que ainda ha pouco o fazia recusar um sceptro, tornam o dia de hoje de summo regosio para os portuguezes que, tambem por sua parte, nunca souberam desmentir o cordeal affecto que os prende ao rei liberal e artista.

O Senhor D. Fernando Augusto de Saxo-Coburgo-Gotha, Pae de Sua Magestade, nasceu na capital do estado do seu nome, a 29 de outubro de 1816. Casou por procuração com Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria II, de saudosa memoria, em 1 de janeiro de 1836, e, em pessoa, em 9 de abril do mesmo anno. Envivou em 15 de novembro de 1853, e regou o reino na menoridade de seu augusto e hoje chorado filho, o Senhor D. Pedro V, pela Carta de Lei de 7 de abril de 1846 e artigo 1.º do Acto Additional á Carta Constitucional, desde

15 de novembro de 1853 até 16 de setembro de 1855.

Sua Magestade fez ultimamente uma excursão por varios paizes da Europa, de que já agora deve ter regressado ao reino.

Retrato de S. M. el-Rei.—Tivemos occasião de ver o retrato de Sua Magestade el-Rei o Senhor D. Luiz I., que deve inaugurar-se, no dia 31, na sala do doce do palacio do governo. É de grandeza um pouco maior que a natural, e foi pintado pelo bem conhecido retratista Lam-qua, de Cantão, que o copiou de uma pequena photographia, seguindo no vestuario as indicações de S. Exa. o Governador.

Não é preciso dar pezo ás difficuldades e incertezas com que, na falta de um original de mais definidas proporções, o pintor se viu obrigado a lutar, para admirar a felicidade de semelhança que recommenda o retrato. São inquestionavelmente de Sua Magestade as feições e a figura.—Quanto ao desempenho geral e artistico do quadro, não sabemos se um entendido poderá descobrir-lhe defeitos, mas affirmamos que, se os ha, não são elles de importancia tal que saltem á vista dos não iniciados nos proceitos dos mestres da arte: com o que vimos a dizer que tambem n'esta parte não pareceu bom o retrato.

Sua Magestade é representado em pé junto do primeiro degrão do throno em posição nobre e graciosa. Veste a farda de general, e tem no peito as insignias do Tosão de ouro, da Torre e Espada e de S. Bento de Aviz.

O vulto resalta dos tons escuros do fundo naturalmente, e sem forçada viveza de toques.

De todos os retratos que temos visto de Lam-qua, parece-nos este o mais perfeito de semelhança e o de mais esmerada execução, qualidades que augmentam de preço n'uma copia, e copia difficil como era esta, em que o retratista cantonense mais tinha, para assim dizer, a escutar avisos, que a imitar feições.

Promessa.—A tripulação e passageiros da galera portugueza *Deslumbante* fizeram, no domingo, uma festa esplendida a Nossa Senhora da Guia, na igreja do extinto convento de S. Domingos, em cumprimento de uma promessa em que devotamente acorderam por occasião do grande temporal que soffreram na sua viagem para este pórtio e a pequena distancia d'elle.

Houve missa cantada com instrumental e á tarde, proceissão da imagem, prégado de manhã o R. J. J. de A. Mattos, e, antes da proceissão, o R. M. L. de Gouvêa.

A vela, cujo valor se offereceu á Senhora, ia levada na proceissão por alguns tripulantes do navio e muitos soldados passageiros.

São sempre muito de commover estes actos pela conjectura dos perigos e angustias que religiosamente os inspiram.

Escola de Pilotagem.—Foi aberta no dia 20 deste mez, apenas com 10 jovens matriculados. O pouco numero de alumnos admirou-nos. Constata-nos porem agora que mais alguns se habilitaram á matricula depois de findo o prazo, que se marcara.

Por esta occasião osnamos lembrar nos proprietarios de navios portuguezes, o receberem, nos seus navios, pelo menos um joven a praticar de piloto. Sem salario, e apenas dando a comida, o que não é grande dispendio, desafiam-se alguns pobres mancebos a dedicarem-se á vida marítima.

É indispensavel a theoria, mas a practica é a primeira necessidade do homem do mar. Esperamos que este nosso alvitre seja acceito.

Corveta ingleza.—Hontem, 28, ás dez horas da manhã, fundou na rada a corveta a vapor ingleza *Scent*, de 21 peças, 275 praças, e da força de 400 cavallos. Salvou á terra, sendo-lhe agradeida a salva pela fortaleza de S. Francisco.

Noticias de Oeste.—Lê-se no *Daily Press* de terça-feira:

“Sentimos dizer que se frustrou completamente a tentativa de mediação dos mandarins entre os Hakkas e os Pontis, em Hok-ehan. As hostilidades recommencaram com maior ferocidade ainda, e as autoridades acham-se de todo impotentes para terminá-las.”

Permitta-nos o collega uma leve rectificação. Bem informados do assumpto, sabemos que, na insurreição de Oeste, as autoridades locais tem contribuído pela crueldade de suas represalias, a dar um caracter muito mais feroz á revolta.

COMMUNICADOS.

MACAU 21 de Outubro de 1863.

Sur. Redactor.

O Sr. Tenente coronel Ivo Celestino Gomes de Oliveira, que foi commandante do Batalhão de Macau, publicou em Lisboa um relatório, dirigido a S. Exa. o Ministro da Marinha e Ultramar, no qual, apontando as faltas que notou nas repartições publicas desta Cidade, numerou os serviços que elle diz ter prestado durante o pouco tempo que pôde aqui residir.

Em dois pontos do seu relatório refere-se o Sr. Ivo ao hospital militar, que está a meu cargo, e o que diz a esse respeito não ficará sem a devida correção se V. tiver a bondade de publicar no seu jornal estas linhas.

“Observei, affirma o Sr. Ivo a pagina 11 do seu relatório, que não havia nos hospitaes certos e precisos instrumentos cirurgicos, carecendo o hospital militar de muitas cousas.”

O Sr. Ivo não podia ter conhecimento das faltas do hospital militar porque não foi lá informar-se dellas, nem mesmo appareceu n'aquelle estabelecimento na occasião em que para ali foi levado um dos seus soldados gravemente ferido n'uma salva de artilheria, e que soffreu, immediatamente ao accidente, a amputação do braço direito. Nessa occasião fiz vér ao Exmo. Presidente do Conselho do Governo, que ali compareceu a visitar o ferido, a conveniencia de mandar vir de Lisboa umas caixas de instrumentos cirurgicos, de que o hospital já está de posse. O Sr. Ivo viu a minha requisição apresentada ao Conselho do Governo, de que elle era membro, e d'ali concluiu—não observou—que o hospital militar não tinha certos e precisos instrumentos cirurgicos. Escrevendo isto, devia o Sr. Ivo declarar que o Director do estabelecimento havia requisitado esses instrumentos, para que o illustre Ministro e o publico não julgassem o mesmo Director menos zeloso no cumprimento dos seus deveres. Não eram as relações de amizade que aqui tivemos que o exigiam, era a verdade dos factos—a justiça.

Em quanto as outras cousas de que o hospital militar carece, e que o Sr. Ivo não especializa, direi que o hospital militar de Macau é um dos que menos faltas tem e dos mais acceados dos nossos hospitaes do Ultramar. Já assim o achei. Os melhoramentos que posteriormente tem obtido são fillos do tempo, são d'aquelles que não se alcançam de uma vez, mas pouco a pouco, e o estabelecimento deste hospital é, pode-se dizer, de recente data.

Em outro lugar do seu relatório, a pagina 16, diz o Sr. Ivo: “reformei a casa da guarda do hospital militar.” Essa grande reforma foi tambem por mim requisitada, e approvada pelo Conselho do Governo. Eis aqui um dos documentos que o provam. “Governo de Macau—Expediente militar—No. 460—Illustrissimo Sr.—o Exmo. Presidente do Conselho do Governo me encarrega de dizer a V. Sa. que ordens se deram ao Sr. Inspector das obras publicas para inspecionar e mandar fazer o arranjo na guarda de hospital de que trata o officio de V. Sa. n.º 18 desta data.—Deus guarde a V. Sa.—Macau, 25 de Agosto de 1862.—Ilmo. Sr. Dr. Lucio Augusto da Silva, Cirurgião-mór—Gregorio José Ribeiro, Secretario do Governo.”

Se o Sr. Ivo, por ter tido ordem, como Inspector das obras publicas, para mandar fazer exactamente a obra por mim indicada, chama essa gloria a si, mais direito a ella tem os chins que executaram a reforma. Poderia o Sr. Ivo ter tido a lembrança deste melhoramento e propô-lo ao Conselho do Governo, e então seria verdadeiro no que disse; mas não foi assim. Não lhe envio, Sr. Redactor, as copias dos meus officios relativamente a estas requisições, porque a inserção delles tomaria muito espaço no seu jornal.

O Sr. Tenente coronel Ivo, pois, quanto ao hospital militar, não foi, infelizmente, nem reformador nem observador. Fiquemos nisto.

Sou, Sr. Redactor,

De V. etc.

LUCIO AUGUSTO DA SILVA.

AS MISSÕES PORTUGUEZAS.

I.

Missionarios, perdi por uma vez a esperanza de os forjar com vossos mecanismos... que para nada prestam senão para mais nos envergonhar aos olhos do mundo catholico.

Pedi-os á Igreja, ou acceita-l'hos. (*Athenia Cathol.*, vol. 7.º, p. 244.)

D'ha um certo tempo a esta parte, sobre o importantissimo objecto das missões do nosso Padroado, pouco mais se tem feito do que fallar e escrever. Quanto a obras, bem pouco, para o que importava que se fizesse.

É por isso que mais d'uma vez temos sido levado a exclamar com um chistoso parochio d'aldea, por occasião da visita de Paschoa, e em presença de certos folares pouco succulentos: “Amigos, amigos, mais ovos e menos flores.” Quer dizer: mãos ao trabalho, mãos ao trabalho, e deixemo-nos de theorias vans, de sophismas declamatorios ou de recriminações estereis. Salvemos o que salvar-se possa, e deixemos nossas tagarelles de soalheiro, que não poucas vezes nos tem comprometido, e que de dia para dia se tornam mais inconvenientes, quando não mais contradictorias e mais absurdas.

Vendo-nos em apertos—consequencia necessaria do nosso desleixo—temos de costume atirar com

todas as culpas para a *Curia*, distinguindo-a aliás, *miu bom distinguida*, do Santo Padre, encolmos os hombros, murmurando os *obs* e os *subs* de nossos antagonistas; embainhamos a espada com que demos quatro cutiladas, no ar, a *dextra*, et a *sinistra*, callamos a boca ou depomos a penna, e as mãos lá se nos tornam para debaixo dos braços, como d'antes!... Sentados em nossas poltronas á *Voltaire*—usamos de diversas modas e feitios—com os olhos meiocerrados por uma somolenca perecura não sei de que, espreguiçamos nos suavemente, tendo-nos deixado embriagar por aquelle *dolce far niente* que causava fernerse ás almas generosas e activas de nossos paes!

Depois, “quem tem a culpa é o Governo”; dizemol-o todos, quando nisto fallámos; e quasi todos nós somos os culpados.

Alguia culpa tem elle de certo—a principal talvez—não desleixo a que nos referimos. Não o absolvemos, que nos não chegam as facultades para tanto. Bom, muito bom seria que “acordasse por uma vez desse somno sepulchral em que jaz ha tantos annos,” como ha pouco escreverem um nosso respeitavel Collega, collaborador do *Ta-ssi-yang-kuo*; mas não deixa de ser por isso menos certo que muitos particulares não estão della isentos.

Tem descaçado o Governo, não ha duvida, quando mais devia operar e estar alerta; vemos muitas de nossas missões “humilhadas e abatidas,” outras “at despresadas” (1) tudo em grande parte por culpa do Governo; mas os particulares que mais podiam e deviam aconselhar-o, despartal-o, coadjuvá-lo, e trabalhar mesmo por sua iniciativa, offerecendo no altar da Religião e da Patria seus cabedães, e até suas pessoas, os que estivessem em circumstancias disso... tem n'ó ajudado sim, e effizadamente, mas a ser inerte (não queremos agora dizer que muitos o tem ajudado talvez a dar ou a proteger escandalos).

“Que fazes Palhaço?”

—Estou a descansar (responde o Palhaço).

E tu'que fazes Pierrot?

—Ajudo o Palhaço (responde Pierrot)."

Ottimamente! Ás mi maravilhas!

É assim que correm muitas das nossas coisas. Espera-se que o Governo faça tudo; e no entanto nada se faz, a não ser que se grite—que nos mimos secemos com mutuas descomposturas, ou esbravejemos contra aquelles que mais deveriamos respeitar neste mundo, como bons portuguezes e fillos submissos da Igreja Catholica, nossa terna e carinhosa Mãe.

Por não nos agradar pois o systema até aqui seguido por muitos dos defensores do nosso Padroado e propugnadores das excellencias de nossas missões ultramarinas (2), os quaes, a nosso ver, tem agravado o mal em lugar de o diminuir, é que ainda mais uma vez lançamos mão da penna, resolvido a dizer bem ou mal, mas enfim como sobermos, algumas verdades *interas* sobre a materia proposta. *Inferias*, pois nos não contentamos com a metade dellas, como alguns; por que n'um futuro quicá bem proximo teriamos de cobrir as faces ao ouvir outra amade da boca de nossos antagonistas, que nos taxariam ao mesmo tempo de homem de má fé—insulto que nos affligiria mais que todos os outros insultos... Cremos fazer nisto um verdadeiro serviço á Religião, não menos que á nossa querida Patria.

Podem estar convencidos nossos leitores que trataremos esta materia com algum conhecimento de cauza, e que não tememos ser desmentido n'aquillo que sobre ella affirmamos. Não tememos, por que estamos convencido de ter a razão e a verdade dos factos da nossa parte; e foi só neste sentido que fizemos a precedente asserção; nem podia ser n'outro: não temos a presumpção de nos dar por infalliveis, o que de resto seria tempo e trabalho perdidos.

A epigraphe que tomamos para este artigo, dirigida ao nosso Governo ainda ha poucos annos, e que trataremos de desenvolver como pudermos n'alguns dos seguintes numeros deste jornal, diz de sojeo qual seja a ordem de ideas que tentacionamos seguir, ainda que não indique todo o plano de nosso humilde trabalho, que não sabemos se os affaseres e a saudade nos permitirão levar a cabo.

Não se imagine porem que desaprovamos toda e qualquer ingerencia dos Governos civis, especialmente sendo catholicos, como o de Portugal, nas missões de suas Colonias ou de seus Padroados legitimamente adquiridos, como o nosso. Não: muito longe disso estamos nós.

O que affirmamos, aquillo de que estamos intimamente convencido, e que se nos não dá de sustentar contra quem quer que seja, é que neste ponto deve haver um certo *modus in rebus*, além do qual não seja licito passar.

(1) Vejo o 3o. mui interessante artigo do primeiro numero deste jornal.

(2) Já quem-narinas, talvez dissessemos melhor; mas passe.

O que afirmamos é que em materias religiosas, como esta, os sagrados canones—leis do Estado como as outras no nosso paiz—devem ser escrupulosamente observados pelos Governos, se não quizerem cair no ridiculo, ferindo ao mesmo tempo de esterilidade todas as suas obras, por gigantescas que sejam.

O que afirmamos ainda, é que os Governos que se prezam de catholicos devem ouvir com submissão, respeito e acatamento, até por utilidade propria, aquellas solemnes palavras que a Igreja lhes applica com razão, depois de terem sido dirigidas outro'ra pelo Espirito Santo ás ouidas buliçosas e invasoras do mar:

"Uaque huc venes, et non procedes amplius (3)."

(3) Job, 28, 11.

NOTÍCIAS DO REINO.

Os JORNALIS que recebemos, dão-nos conta de factos occorridos até o 1.º de setembro. Vamos, pois, offerecer aos nossos leitores um extracto dos de mais interesse.

A nossa divisão naval, que se achava em viagem de estudo, havia apanhado uma nórtada no mar do Porto, resultando-lhe disso algumas ligeiras avarias no panno e mastreação. O vapor Mindello havia deixado os outros vasos, e fundeado no Tejo, d'onde se esperava que largasse brevemente para Bordéus, a fim de receber al El-Rei o sr. D. Fernando, e conduzi-l-o para Lisboa.

Tinha sido acometido de um ataque nervoso o sr. João de Lemos, redactor da Nação. Dizia-se que fora por effeito de excessivos trabalhos mentaes.

Havia começado a publicar-se no Peso da Regua uma folha intitulada: O Douro, para advogar a questão vinicola.

Tinha chegado a Lisboa o celebre prestigiador Herrmann, tão admirado e estimado em Portugal, não só pela perfeição de seus trabalhos, mas pelos seus caridosos sentimentos.

Havia indícios de que o baptizado do príncipe ou princeza, que Sua Magestade a Rainha estava para dar á luz, fosse celebrado na egreja de Sancta Maria de Belem, devendo ter logar primeiramente a cerimonia da trasladação dos restos mortaes do sr. infante D. João para o real jazigo de S. Vicente de Fora. Dizia-se que os padrinhos seriam El-Rei o sr. D. Fernando, e a princeza Clotilde, casada com o príncipe Napoleão, e irmã de Sua Magestade a Rainha.

Tinha começado a publicar-se em Lisboa um novo jornal semanal, intitulado O Monitor Portuguez. O conselheiro Levy Maria Jordão havia sido encarregado de colligir todas as bullas, breves, e outros diplomas pontificios, relativos ao padroado de Portugal no ultra-mar, a fim de se formar de todos uma collecção completa.

El-Rei o sr. D. Luiz havia ordenado que o dia do nome de Sua Magestade a Rainha, a 8 de setembro, ficasse sendo de simples gala na corte.

Dizia-se que fora nomeado governador da provincia de Cabo Verde o sr. tenente coronel conde de Bomfim; e acrescentava-se que levaria um seu filho na qualidade de ajudante de ordens, e que o sr. guarda-marinha Joaquim de Assumpção Guedes se achava indetida para secretario.

Havia sido concedida patente de invenção com privilegio por 15 annos, ao portuense Luiz Ferreira de Sousa, pelo novo systema que apresentou de extrahir agua de qualquer altura ou profundidade, e leva-l-a tambem a qualquer altura com aparelhos de ferro, denominados: estanca rios, e com bombas aspirantes e de repucho de jacto continuo.

Já os filhos dos soldados haviam começado a receber uma boa educação no novo estabelecimento de Mafra. Nós vimos o magnifico regulamento deste asylo, e se acaso, como é de esperar, elle for cum-

prido em toda a sua plenitude, podemos assegurar que será esta uma das mais proveitosas instituições que se hão implantado em nossa terra.

Dizia-se que entre as diferentes graças, destinadas a serem distribuidas para solemnizar o baptizado do príncipe ou princeza que Sua Magestade a Rainha estava para dar á luz, havia tres títulos de duque, e já alguém sabia quem eram os marquezes que haviam de receber estas graças, mas a imprensa dizia que por em quanto os não declarava.

Já se ouvia o sibilar da locomotiva por todo o caminho de ferro de leste, porque as duas cidades de Lisboa e Elvas se haviam ligado por esta grande arteria.

O conselho de saude havia declarado infeccionado de febre amarella, desde 2 de julho, o porto de Loanda, e suspeitos da mesma epidemia todos os demais portos da provincia de Angola.

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

As que recebemos alcançam a 10 de setembro, e pouco adiantam em importancia.

Para attenuar a noticia que demos no nosso numero anterior, relativamente á reclamação feita pelo governo de Nova York, temos em um jornal inglez, que o governo da Gran Bretanha ia mandar investigar sobre o facto allegado da construcção de dois navios em Birkenhead, que se suppe destinados para o serviço dos confederados. E o conde Russell novamente declarou que o governo estava resolvido a sustentar a mais stricta neutralidade nas questões da America.

A guerra ainda continua no mesmo pé. O forte de Sumter tinha sido reduzido á ruína, e Charleston bombardeado com grande destroço; comtudo os confederados ainda defendiam a cidade. O general Rosecrans tinha atacado Chattanooga sem grande successo.

Os confederados determinaram que a conscrição se fizesse de todos os homens desde dezasseis até sessenta annos d'idade, e chamaram ás armas meio milhão de negros, prometendo-lhes a sua liberdade e uma concessão de terra no fim da guerra.

O orgão mais considerado do governo russo nega que a Russia esteja comprometida a fazer reformas na constituição, relativamente aos negocios da Polonia.

Os jornaes francezes mostram grande pezar pelo partido de resistencia em S. Petersburgo levar tão adiante a opposição aos interesses da Polonia.

O general Meade tinha sido apresentado com uma espada por uma parte do seu exercito.

O congresso de estatistica tinha ameaçado as suas reuniões em Berlim, tendo sido recebidos pelo rei com muita distincção.

Um padre protestante tinha sido assassinado por um bando de cossacos.

O consal pontificio de Genova tinha recebido os seus passaportes, allegando-se que elle intrigava a favor do ex-rei de Naples.

A insurreição polaca ainda se mantem com vigor. O governo russo augmentou as suas crueldades, e conferiu novas dignidades ao general Mouravieff.

O imperador d'Austria tinha sido recebido em Vienna com grande enthusiasmo.

A guerra com a França continua a ser discutida nos jornaes de Nova York.

Diz-se que vae ser reforçada a esquadra franceza que está na costa do norte da America.

Vem desmentida a noticia de ter sido interrompida a boa intelligencia entre a França, a Austria e a Inglaterra na questão da Polonia.

Um navio turco tinha sido tomado em Anapa pelos russos, apesar dos protestos dos consules estrangeiros.

Em Chelsea tinha sido logar um meeting publico, no qual foi convidado o governo a reconhecer os direitos que assistiam aos polacos para fazerem a guerra.

ANNUNCIOS.

CORREIO MARITIMO.

A MALA para a Europa e India, por um dos vapores da Companhia Peninsular e Oriental, fechar-se-ha n'esta administração na Sexta-feira, 30 do corrente, ás 10 horas da manhã.

JOSÉ DA SILVA, Administrador Interino.

Correio Maritimo, Macau 15 de Outubro de 1863.

AVISO.

POR ser feriado e de grande gala o dia 31 do corrente, a extracção da Loteria da Nova Escola Macaense começará impreterivelmente na Segunda-feira, 9 de Novembro.

Macau 27 d'Outubro de 1863.

A. A. DE MELLO, Vogal da Commissão.

AVISO.

A GALERA Deslumbrante de 1.ª classe, Capitão Manoel Francisco de Souza, sahirá para Lisboa em 12 de Novembro proximo. Quem na mesma quizer carregar, ou ir de passagem, para o que tem excellentes commodos, trata-se no Escriptorio de

A. A. DE MELLO & C.ª

Macau 14 d'Outubro de 1863.

FAZENDAS DE INVERNO.

GRANDE sortimento de Casimira, Pano preto, Circassiana e Veludo de diferentes cores, por preços commodos.

Dirija-se á Loja de

J. DA SILVA.

Macau 7 de Outubro de 1863.

ABAIXO ASSIGNADO annuncia ao publico, que tendo dado maior desenvolvimento as suas Officinas, achá-se agora ainda mais habilitado para se encarregar de todo o genero de trabalhos typographicos, executada com presteza e nitidez, por preços muito razoaveis.

J. DA SILVA.

NA Casa N.º 31, Tarrafeiro, vende-se Vinho Branco e Tinto da melhor qualidade em garrafas com rotulos.

Macau 7 de Outubro de 1863.

ESTADO DO MERCADO.

POUCAS alterações em relação aos preços apresentados a semana passada. Houve alguma venda de salitre a \$12.50 —era inferior, se fosse bom seria vendido por mais alto preço.

Animas-se o mercado a respeito do arroz, com as boas noticias do norte, não pela subida dos preços nos seus mercados, mas pela sabida que tem tido; deste modo os especuladores tem mandado carregamentos para Ningpó, e por conseguinte animam-se os mercados do sul.

OLEO DE ANIL E DE CANELLA.—Vendem-se pequenas porções—do primeiro @ \$136 @ 138; e do segundo @ \$198 @ 200.

CANELLA.—É exigida, e absorve-se toda a que apparece; as ultimas vendas foram @ \$16.50; preço já muito elevado.

ASSUCAR.—Ha pouco; as noticias do norte são boas, assim todo o que apparecer terá logo compradores.

Os artigos dos estreitos não tem alteraçao alguma com relação á semana finda.

OFIO.—Palma, a dinheiro prompto \$627 @ 628, por caixa; e prosos, \$617—Benares \$620 @ 622; e Malwa \$685 @ 690.

MOVIMENTO DO PORTO.

Desde 21 a 28 de Outubro.

ENTRADAS.

- Dia 23.—Barca Inglesa "Bellissima"—Capitão, I. Whittle—432 toneladas—de Wampui, com chá.
" 26.—Barca Hollandesa "Borneo"—Capitão, Dickson—582 toneladas—de Hongkong, em lastro.
" 25.—Brigue Inglez "Selina Jane"—Capitão, B. E. Grosvenor—216 toneladas—de Wampui, com chá e canella.
" 26.—Brigue Sueco "Balder"—Capitão E. A. Sjöberg—298 toneladas—de Hongkong, em lastro.
" 28.—Corveta Inglesa "Scout"—de 275 praças de guarnição, 21 peças, e da força de 400 cavallos,—de Hongkong.

SAHIDAS.

- Dia 25.—Barca Inglesa "Bellissima"—Capitão, Whittle—432 toneladas—para Londres, com chá.

NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAU EM 29 DE OUTUBRO.

Table with columns: ENTRADA, APARELHO, NAÇÃO, NOME, CAPITÃO, TON., PROCEDENCIA, CONSIGNATARIO, ANCORADÓRO, DESTINO, OBSERVAÇÕES. Lists ship arrivals and departures for October 29, 1863.